

Família Missionária Verbum Dei
Caderno de Oração Quaresma/Páscoa 2025

A Esperança tem nome: Jesus



«Alegres na Esperança»
Rm 12, 12

Gostávamos de saber se o Caderno de Oração ajuda o seu dia-a-dia. Envie-nos a sua opinião!

Se preferir receber o caderno por e-mail ou pelo correio ou se conhece alguém que gostasse de o receber, envie um e-mail para: cadernodeoracaovd@gmail.com

O Caderno de Oração está disponível em formato PDF no site da Família Missionária Verbum Dei de Lisboa:

lisboa.verbumdei.org

Equipa do Caderno de Oração
da Família Missionária Verbum Dei de Lisboa:

Ana Horgan Ulrich
Andreia Alexandre
António Azevedo
Cristina Mesquita
Filipa Ramalhete
Francisco Valles
Joana Galvão Teles
João Ricardo Moreira
Manuela Cerejeira
Marta Valles
Paula Mourão
Paulo Vieira
Pilar Bazo (Missionária VDei)
Sofia Palminha
Ventura Adrover (Missionária VDei)

Colaboração de:

Ana Leal
Gisela (Missionária VDei)
Leonor Balcão Reis
Pedro Cerdeira
Raquel Palma
Rita Brígida

Comentários e sugestões para:
[**cadernodeoracaovd@gmail.com**](mailto:cadernodeoracaovd@gmail.com)

A Esperança tem nome: Jesus

4	INTRODUÇÃO
	PARTE I Quaresma
8	5 março - Rasgai o vosso coração e não os vossos vestidos...
12	9 março - Não nos deixeis cair em tentação
17	16 março - Deixar-nos iluminar pela Luz de Jesus
22	23 março - Em busca de um coração livre
26	30 março - Parábola do Pai misericordioso
30	6 abril - Levanta-te, vou realizar uma coisa nova!
	PARTE II Semana Santa e Páscoa
36	13 abril - Ser pão de esperança para o mundo...
41	17 abril - A comunhão é o momento
44	18 abril - Caminhar com as fraquezas
48	19 abril - A força da Vida na cruz
55	20 abril - “Viu e acreditou.”
	PARTE III Somos Igreja
60	Introdução
62	Celebrar o 62º aniversário da Verbum Dei em ano de Jubileu
64	Um Carisma que une
65	A Ecologia no Jubileu
68	Grupo reMaior
70	O Jubileu é também para nós

A Esperança tem nome: Jesus

Hoje, tive uma conversa com uma rapariga que me deu muita luz sobre como rezar para ter esperança. Diz-me ela que não é possível ter esperança, que é uma palavra que já existe no dicionário, sim, mas sem conteúdo.

Tive curiosidade em procurar a definição de “esperança” no dicionário, e diz o seguinte:

1. *sentimento de quem vê como possível a realização daquilo que deseja; confiança em coisa boa; fé.*
2. *expectativa, espera, aguardo.*

Certamente que é uma palavra que abre alguma possibilidade, que pede atitude paciente e de espera, que obriga a olhar mais além, não o imediato, que me lembra a imagem de algo que parece que vai acontecer, mas que demora e nos deixa numa expectativa que, para uns, é sinal de desertar, de tirar a toalha, de deixar cair, e para outros é motivação, empenho, curiosidade, atenção...

Na primeira definição do dicionário, algo olvidada, pois é a última palavra e é pequenina, lê-se: Fé.

Sim, fé!!! E São Paulo, no capítulo 11 da Carta aos Hebreus, diz: ***“Ora a fé é garantia das coisas que se esperam e certeza daquelas que não se veem. Foi por ela que os antigos foram aprovados.”***

A Bíblia não fala de possibilidades, mas sim de certezas, da garantia de que aquilo de que estamos à espera vai acontecer, não é algo idealista nem utópico, vai ser!

Para validar esta afirmação, Paulo apresenta-nos uma lista de homens e mulheres que, pela Fé, acreditaram na concretização das suas esperanças, e que, ainda que não as vissem realizadas, esperavam, acreditavam que elas se haviam de concretizar. Porque as promessas feitas por Deus não são fúteis nem ditas para que

fiquemos contentes e para acalmar os nossos anseios. Pelo contrário, são proferidas para que, confiando nelas, possamos vir a vê-las realizadas.

As promessas de Deus vêm ao encontro de desejos que temos e que nem sempre conseguimos expressar, porque nos parecem um exagero. Mas o nosso Deus, grande em generosidade, no-los satisfaz. E, ainda que não os expressemos, Deus sabe que os nutrimos, porque fomos criados para vivências ainda maiores. Ele, o nosso criador, conhece-nos, sabe dos nossos desejos, pois criou-nos com as suas mãos e colocou no nosso interior anseios de uma procura maior: há em nós desejos de eternidade. Essa é a esperança com a certeza da qual o Papa Francisco, citando São Paulo na carta aos Romanos, se atreve a dizer “**A esperança não engana.**” (Rm 5,5).

Também Paulo, ao referir-se a tantos e tantos dos nossos antepassados na fé, diz que “**Deus estava contente com eles todos por causa da sua fé. Contudo, Deus tinha previsto para nós um plano melhor, e, por isso, não quis que eles, sem nós, atingissem a perfeição.**” (Hb 11, 39-40).

Durante a Quaresma, o nosso caminho junto com Jesus há de ser esse seguimento em esperança, que, provado na dificuldade, na dor e na morte, em Jesus se abre à verdadeira esperança, à real vivência da Páscoa: “A Ressurreição e a vida para sempre.”

Assim, podemos dizer que a nossa esperança tem um nome: Jesus, que conquistou para nós a VIDA.

Notas:

parte I

Quaresma

Rasgai o vosso coração e não os vossos vestidos...

Jl 2,12-18 «Diz agora o Senhor: “Convertei-vos a Mim

Sl 50 (51) de todo o coração, com jejuns, lágrimas e

2 Cor 5,20–6,2 lamentações. Rasgai o vosso coração e não os

Mt 6,1-6.16-18 vossos vestidos. Convertei-vos ao Senhor,

vosso Deus, porque Ele é clemente e

compassivo, paciente e misericordioso, pronto

a desistir dos castigos que promete. Quem

sabe se Ele não vai reconsiderar e desistir

deles, deixando atrás de Si uma bênção, para oferenda e libação ao

Senhor, vosso Deus? Tocai a trombeta em Sião, ordenai um jejum,

proclamai uma reunião sagrada. Reuni o povo, convocai a

assembleia, congregai os anciãos, reuni os jovens e as crianças.

Saia o esposo do seu aposento e a esposa do seu tálamo. Entre o

vestíbulo e o altar, chorem os sacerdotes, ministros do Senhor,

dizendo: ‘Perdoai, Senhor, perdoai ao vosso povo e não entreguem

a vossa herança à ignomínia e ao escárnio das nações. Porque

diriam entre os povos: Onde está o seu Deus?’”. O Senhor

encheu-Se de zelo pela sua terra e teve compaixão do seu povo.»

(Jl 2, 12-18)

Hoje, inicia-se o tempo da Quaresma, um tempo em que a Igreja nos convida à oração, caridade e jejum, não como um fim em si mesmos, mas enquanto meios principais que permitem a Deus intervir na nossa vida. Os três convites deste tempo têm um sentido simbólico no rito das cinzas, sinal de austeridade, que nos leva a refletir sobre a efemeridade da nossa condição. A cinza é o que fica depois de tudo, o mais essencial do que somos. O jejum, em particular, é antes de mais uma forma de nos reduzirmos ao que de mais autêntico há em nós, de descoberta da nossa verdadeira natureza e do divino que habita no coração de todos nós. O jejum não serve para perder peso ou ser mais saudável, antes para nos tornar mais instrumento de Deus. Para nos libertarmos de tudo o que, intimamente, nos asfixia. Deixar ir, largar, renunciar corresponde a uma antítese do querer, ter, comprar, ambicionar.

O profeta Joel convida-nos à conversão, a um arrepiar caminho, a um processo de regresso ao Pai, a renascer para aquilo para que fomos criados. Conversão implica mudança de estado, para que nos tornemos diferentes. O apelo *“Rasgai o vosso coração e não os vossos vestidos”* remete-nos para a tradição judaica de rasgar as vestes associada a luto, tristeza e perda. Deus não nos quer sorumbáticos, antes alegres na nova vida desperta por um coração que renasce, que se transforma. Rasgar é, também, esta mudança de estado, de romper com o passado, de ter a coragem de prescindir de tudo o que não me convém.

O convite ao jejum não se reduz a comer menos ou de forma mais saudável. É um jejum que pode ser alargado a tudo o que nos condiciona: o ruído, a maledicência, a futilidade das conversas, o digital sem propósito, o excesso de trabalho, a ambição desmedida, a falta de tempo para o essencial, as máscaras que colocamos, o egoísmo, a agressividade... O jejum reduz-nos, ainda, a uma condição de simplicidade que nos permite aproximarmo-nos dos

mais necessitados. Conhecer um pouco das suas privações é fazermo-nos iguais, e isso leva-nos a uma maior consciencialização da necessidade de dar e partilhar. De procurar uma esmola verdadeira, de alguém que se quer fazer igual.

Nesta Quaresma, vamos, provavelmente, continuar a receber as piores notícias da Ucrânia, do Médio Oriente, do Sudão do Sul. É um sofrimento longínquo, em relação ao qual nos habituámos a blindar o nosso coração. Apenas o jejum e oração nos podem fazer próximos.



“O jejum. Este não é uma dieta, antes nos liberta da autorreferencialidade da busca obsessiva do bem-estar físico, para nos ajudar a ter em forma, não o corpo, mas o espírito. O jejum leva-nos de novo a dar o justo valor às coisas. Concretamente, recorda-nos que a vida não deve estar submetida ao cenário passageiro deste mundo. E o jejum não se deve restringir apenas ao alimento: especialmente na Quaresma, deve-se jejuar daquilo que gera em nós dependência. Cada qual pense nisto, para fazer um jejum que incida verdadeiramente na sua vida concreta.

Mas, se a oração, a caridade e o jejum devem amadurecer no segredo, os seus efeitos não são secretos. Oração, caridade e jejum não são remédios só para nós, mas para todos: podem, de facto, mudar a história. Não só porque quem sente os seus efeitos quase sem se aperceber também os transmite aos outros.”

(Papa Francisco. Homilia da Santa Missa,
Bênção e Imposição das Cinzas. 2 de março de 2022)

Não nos deixeis cair em tentação

- Dt 26,4-10 «Moisés falou ao povo, dizendo: “O sacerdote receberá da tua mão as primícias dos frutos da terra e colocá-las-á diante do altar do Senhor teu Deus. E diante do Senhor teu Deus, dirás as seguintes palavras: ‘Meu pai era um arameu errante, que desceu ao Egito com poucas pessoas, e aí viveu como estrangeiro até se tornar uma nação grande, forte e

numerosa.”»

(Dt 26, 4-5)

«Irmãos: Que diz a Escritura? “A palavra está perto de ti, na tua boca e no teu coração”. Esta é a palavra da fé que nós pregamos. Se confessares com a tua boca que Jesus é o Senhor e se acreditares no teu coração que Deus O ressuscitou dos mortos, serás salvo. Pois com o coração se acredita para obter a justiça e com a boca se professa a fé para alcançar a salvação. Na verdade, a Escritura diz: “Todo aquele que acreditar no Senhor não será confundido”. Não há diferença entre judeu e grego: todos têm o mesmo Senhor, rico para com todos os que O invocam. Portanto, todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo.»

(Rm 10, 8-13)

«Naquele tempo, Jesus, cheio do Espírito Santo, retirou-Se das margens do Jordão. Durante quarenta dias, esteve no deserto, conduzido pelo Espírito, e foi tentado pelo Diabo. Nesses dias não comeu nada e, passado esse tempo, sentiu fome. O Diabo disse-lhe: “Se és Filho de Deus, manda a esta pedra que se transforme em pão”. Jesus respondeu-lhe: “Está escrito: ‘Nem só de pão vive o homem’”. O Diabo levou-O a um lugar alto e mostrou-Lhe num instante todos os reinos da terra e disse-Lhe: “Eu Te darei todo este poder e a glória destes reinos, porque me foram confiados e os dou a quem eu quiser. Se Te prostrares diante de mim, tudo será teu”. Jesus respondeu-lhe: “Está escrito: ‘Ao Senhor teu Deus adorarás, só a Ele prestarás culto’”. Então o Diabo levou-O a Jerusalém, colocou-O sobre o pináculo do templo e disse-Lhe: “Se és Filho de Deus, atira-Te daqui abaixo, porque está escrito: ‘Ele dará ordens aos Seus Anjos a Teu respeito, para que Te guardem’; e ainda: ‘Na palma das mãos Te levarão, para que não tropeces em alguma pedra’”. Jesus respondeu-lhe: “Está mandado: ‘Não tentarás o Senhor teu Deus’”. Então o Diabo, tendo terminado toda a espécie de tentação, retirou-se da presença de Jesus, até certo tempo.»

(Lc 4, 1-13)

Estamos a começar a Quaresma. As leituras deste primeiro domingo são fortes e muito interpeladoras. No Deuteronómio, Moisés fala ao povo, lembra as dificuldades por que todos passaram até chegar àquela terra onde corria leite e mel. É uma história de coragem, uma epopeia de fé, de confiança em Deus. Na segunda leitura, São Paulo também nos fala de fé, mas de uma fé diferente; de uma fé que já não é só para o povo eleito: é para todos aqueles que acreditaram em Jesus ressuscitado. É para todos, todos, todos, como nos disse, em Lisboa, o Papa Francisco. É uma fé que salva – e essa salvação está ao nosso alcance. Por fim, temos o Evangelho de Lucas, numa das suas passagens mais conhecidas, o momento em que Jesus é tentado pelo diabo no deserto. É um texto intenso, Jesus é tentado pela fome, uma necessidade humana, pelo poder e na sua própria identidade. A todas as tentações Ele resiste, prevalece o bem e o mal perde.

Ao rezar estas leituras, pensei sobre o que quero que seja esta Quaresma de 2025. O que posso fazer para que a minha comunhão com Jesus neste caminho entre o Seu nascimento, a Sua vida, e a Sua morte e ressurreição, seja mais plena? Que tentações me assolam neste momento? A que terei de resistir para ter tempo de oração de qualidade? Como posso vencer o mal com o bem?

Nestas leituras, houve duas frases que me tocaram muito. A primeira foi: *“Se confessares com a tua boca que Jesus é o Senhor e se acreditares no teu coração que Deus O ressuscitou dos mortos, serás salvo”*. É fácil estarmos na missa a proclamar o credo, mesmo se algumas frases deste, por vezes, nos perturbam. Mas somos nós, sou eu, capazes de o proclamar fora do contexto onde me sinto protegida? Cada vez mais, a Páscoa se torna um tempo de férias de inverno ou de início de primavera. Se compararmos com o Natal – que mesmo para os que não são crentes é considerado um tempo de família – a Páscoa, o momento mais importante do ano dos

cristãos, começa a passar despercebida. Será que levo para o meu contexto de escola, de trabalho, dos amigos, até da família, a mensagem de quão importante é este momento? De como a ressurreição faz parte da minha vida e da minha relação com Deus e com o mundo? Sinto e leio a Palavra, mas estou verdadeiramente a trabalhar, como diz a leitura, para a minha salvação proclamando-a a todos? O que posso fazer de diferente este ano? Como posso levar o Deus em que acredito comigo, nas minhas atitudes, durante este tempo de preparação para a Páscoa? Decerto, cada um de nós à sua forma, conseguirá pensar em pelo menos uma coisa que pode fazer. Pode ser algo tão simples como desejar “Boa Páscoa”, tal como desejamos um feliz Natal.

“Não há diferença entre judeu e grego: todos têm o mesmo Senhor” foi a outra frase que muito me interpelou. Também Moisés, na primeira leitura, contava como o seu povo tinha seguido os desígnios de Deus como estrangeiro noutra Terra. Numa época de tantos desentendimentos, seremos nós, cristãos, suficientemente veementes a afirmar, no dia a dia, que somos todos irmãos? Nesta semana em que somos chamados a refletir sobre as nossas tentações, podemos também pensar se, quando acentuamos o que nos separa e não o que nos une, não estaremos a ceder a uma tentação que nos impede de compreender melhor o outro, de sermos mais empáticos com o seu sofrimento, no fundo, de amarmos mais o próximo do que o julgarmos. Há um tempo, ainda nas reuniões que se realizaram a propósito do Sínodo, ouvi uma pessoa dizer uma coisa que me tem acompanhado desde então: que antes de decidir alguma coisa, pensava se o que ia fazer era algo que iria unir ou dividir. Porque, se fosse para dividir, não era de Deus.

Boa Quaresma!

Torna-te um perfeito estranho

*Torna-te um perfeito estranho
para a tua vontade
e prossegue*

(José Tolentino Mendonça)



Deixar-nos iluminar pela Luz de Jesus

- Gn 15,5-12.17-18 «Naquele tempo, Jesus tomou consigo Pedro, João e Tiago e subiu ao monte, para orar.
- Sl 26 (27) Enquanto orava, alterou-se o aspecto do seu rosto e as suas vestes ficaram de uma
- Fl 3,20-4,1 brancura refulgente. Dois homens falavam com Ele: eram Moisés e Elias, que, tendo
- Lc 9,28b-36 aparecido em glória, falavam da morte de Jesus, que ia consumir-se em Jerusalém.

Pedro e os companheiros estavam a cair de sono; mas, despertando, viram a glória de Jesus e os dois homens que estavam com Ele. Quando estes se iam afastando, Pedro disse a Jesus: “Mestre, como é bom estarmos aqui! Façamos três tendas: uma para Ti, outra para Moisés e outra para Elias”. Não sabia o que estava a dizer. Enquanto assim falava, veio uma nuvem que os cobriu com a sua sombra; e eles ficaram cheios de medo, ao entrarem na nuvem. Da nuvem saiu uma voz, que dizia: “Este é o meu Filho, o meu Eleito: escutai-O”. Quando a voz se fez ouvir, Jesus ficou sozinho. Os discípulos guardaram silêncio e, naqueles dias, a ninguém contaram nada do que tinham visto.»

(Lc 9, 28b-36)



vida é feita de luz e de sombra, de bem e de mal, de graça de Deus e de tentações do mundo nas quais caímos, ainda que por vezes seja difícil ou impossível separar o trigo e o joio, principalmente à velocidade a que vivemos hoje. A vida é feita de vidas e de mortes, mas também, com Jesus, de Ressurreição.

Por um lado, há momentos em que nos ligamos a nós próprios, à nossa essência e ao nosso inconsciente, ao amor que Deus semeia no nosso coração, ao nosso interior mais profundo, onde Ele está e onde nos fala, e em que conseguimos vislumbrar um bocadinho de Deus, no Seu Filho (não conseguimos ver o Seu rosto!), em que temos momentos de transfiguração na montanha, em que Ele deixa que O vejamos e ao Seu amor, por curtos espaços de tempo, de forma desfocada ou nublada, em que nos aproximamos d’Ele e reconhecemos que somos Seus Filhos muito Amados.

Por outro lado, há momentos em que não entendemos nada, em que andamos inquietos com muitas coisas do mundo, em que temos dúvidas, em que perdemos o Norte ou a clareza do caminho, em que nos questionamos sobre os Seus caminhos e os Seus tempos e nem sequer vemos ou vislumbramos alguns contornos na sombra. É, exatamente, nestes momentos que toda a história de amor já vivida – com momentos de luz no Batismo, na Transfiguração e na Ressurreição de Jesus, pelo Seu amor e pelo amor do Pai que enviou o Filho ao mundo, como luz no meio da sombra e da escuridão – nos tem algo a lembrar, a reavivar, a “ensopar”, convidando-nos a mergulhar e a confiar neste Amor e nesta Paz que Deus Pai tem para nos oferecer, e que já nos deu antes de sermos.

E a vida oscila entre estes ciclos e dinâmicas que, uma vez que nos abramos a isso e pela Graça de Deus, nos vão fazendo crescer e aproximar d’Ele e do que Ele nos quer dizer.

Nesta fase da Quaresma, somos chamados a uma tomada de maior consciência das nossas sombras e dos caminhos de sombra que percorremos, onde, às vezes, as tentações, as vozes do mundo, o mal ou a divisão, aquilo que nos tira a confiança, nos impedem de viver a nossa identidade fundamental como Filhos amados de Deus, de recordar e experimentar novamente esta verdade fundamental, a promessa da aliança de Deus conosco, de que somos Seus filhos, feitos para amar e sermos amados, de que, se vimos d'Ele, somos capazes de amar como Jesus amou. Esta é a única luz que nos mantém vivos e felizes.

Neste Evangelho, encontramos este processo que Jesus vai fazendo conosco: chama-nos para junto d'Ele, faz-nos experimentar que é nosso amigo, desinstala-nos, mostrando que vão acontecer momentos difíceis, mortes, dor, que o nosso crescimento e a nossa formação como Seus apóstolos são lentos, implicam paciência e misericórdia – antes de mais, para conosco e, depois, para com os outros –, fala-nos e aponta-nos o caminho, ainda que, por vezes, não o queiramos ver, fiquemos com sono ou inebriados com outras distrações para não vermos e não termos de entregar tudo, como Pedro e os companheiros ficaram, e depois faz-nos descer da montanha e viver no mundo, pois é no mundo, no concreto do dia-a-dia, que somos chamados a viver e a amar como Ele.

E, agora, convido a rezarmos e respondermos, com Jesus, às seguintes questões:

- Que partes da minha vida preciso de Te entregar e ver à Tua luz?
- Que “sucessos” ou “vitórias” aparentes do mundo tenho de largar ou deixar de percorrer para me focar no verdadeiro sucesso de amar como Tu e de me cumprir como Teu(Tua) Filho(a)?

- Como posso viver a família, o trabalho, a comunidade, o lazer, a espiritualidade, os meus contributos e/ou partilhas, as minhas relações como instrumentos e locais de treino para amar mais como Tu?
- O que procuro alcançar no meu dia-a-dia? Tenho e cedo ao medo de me desinstalar? Procuo o conforto, a segurança, a estabilidade em demasia? Ponho o outro em primeiro lugar ou sempre depois de mim? É que os Teus caminhos desinstalam, por vezes levam a andar em círculos, não são óbvios, deixam-nos sem ver um fim. Isso impede-me de ver e deixa-me com sono ou consigo ver a Tua vida e perceber que, Contigo, e pela Tua Graça, vou mais longe?



«E às vezes, na nossa vida, nós pedimos a Deus: “Senhor arranca-me o espinho! Senhor, tira-me esta dificuldade! Senhor, tira-me este da frente, tira-me esta da frente, Senhor, resolve-me!” E Deus normalmente não resolve assim, mas ajuda-nos a fazer um caminho de confiança: “Basta-te a minha Graça”, porque é quando somos fracos que somos fortes...

Nós temos de aprender esta fraqueza, a abraçar a fraqueza, e nós não aprendemos isso senão no alto da cruz. É contemplando Cristo de braços abertos e pregado na Cruz, é contemplando esta impotência de Jesus que nós aprendemos o que é o amor, e que aprendemos o que é o perdão, e que aprendemos o que é abraçar a própria fragilidade como caminho para o amor, como caminho para a esperança.»

(José Tolentino de Mendonça, comodissetolentino, instagram)

Em busca de um coração livre

- Ex 3,1-8a.13-15 «Irmãos: Não quero que ignoreis que os nossos pais estiveram todos debaixo da nuvem, passaram todos através do mar, e na nuvem e no mar receberam todos o batismo de Moisés. Todos comeram o mesmo alimento espiritual e todos beberam a mesma bebida espiritual. Bebiam de um rochedo espiritual que os acompanhava: esse rochedo era Cristo. Mas a maioria deles não agradou a Deus, pois caíram mortos no deserto. Esses factos aconteceram para nos servir de exemplo, a fim de não cobiçarmos o mal, como eles cobiçaram. Não murmureis, como alguns deles murmuraram, tendo perecido às mãos do Anjo exterminador. Tudo isto lhes sucedia para servir de exemplo e foi escrito para nos advertir, a nós que chegámos ao fim dos tempos. Portanto, quem julga estar de pé tome cuidado para não cair.»
(1 Cor 10, 1-6.10-12)
- SI 102 (103)
- 1 Cor 10,1-6.10-12
- Lc 13,1-9



Este é o 3º Domingo da Quaresma. Aproximamo-nos a passos largos da Páscoa.

Vivemos um tempo em que somos convidados a nos (re)posicionarmos.

Seguir o convite da Igreja deste Domingo e o de caminhar “interiormente” ao longo destas quatro semanas, só por si, não me salva. Apresentar-me como Cristão, nos meus meios e ciclos, também não...

Somos, de facto, todos feitos da mesma carne e esta leitura apresentou-se-me como que um “grito” a recordar (e inquietar-me...) que não sou melhor que ninguém nem estou, porventura, mais perto de uma vida plena (o que quer que isso seja...) do que qualquer outra pessoa. Vivo tempos de grande aridez que desejaria viver com mais esperança.

Através desta leitura, Paulo fez-me lembrar que o que pode diferir são duas coisas: os atos e o sentir.

Efetivamente, há cerca de 4000 anos, “aqueles pais dos nossos pais” caminharam no deserto, ao longo de duas gerações. Basicamente, fugiam... procuravam a sua liberdade. E isso, só por si, é legítimo – alguém que está preso e procura fugir do cativeiro e assim ver-se livre!

De facto, não passaram do estado de estar “presos” para o de estarem “livres”... O que une exatamente esses dois estados é “o durante”, o processo. O processo interior. Este processo que, mais do que físico e visível, habita o coração de cada homem, mulher, criança ou velho... Agora cada um de nós poderá fazer o paralelismo com a sua experiência de vida.

Assim, o modo como vivo “o durante” pode levar-me à liberdade, mas também me pode ir mantendo acorrentado na mesma, numa

busca por uma liberdade física mas, ainda assim, profundamente aprisionado interiormente...

Como é que eu vivo os meus “durantes”, os processos que me habitam...?

Reconheço também que eu “caio morto por terra” muitas vezes... Reerguer-me passa por fazer a experiência de me sentir amado, ainda que frágil, e, por isso, acolhido no colo de Deus.

Os meus atos são, no fundo, o “como vivo”.

Indo ao mais profundo deste “como?”, entrarei no meu sentir, nas minhas emoções...

Aí, entra-se no mais sagrado que nos habitará – a nossa liberdade mais profunda!

Alguns (também “feitos da mesma carne”), nas piores condições humanas de cativeiro vividas na nossa história, foram capazes de a experimentar!

Este poderá ser o alerta de São Paulo para cada um de nós: neste tempo quaresmal não “façamos coisas” sem uma profunda liberdade interior.

Ousemos, também, “não fazer” e, não fazendo, deixemo-nos ficar em contacto com o nosso coração, as nossas emoções, cuidando-nos amorosamente... E, nesta ternura, preparemo-lo para acolher a entrega total de Jesus a quem, ainda que com toda a prisão e violência humana, não Lhe conseguiu tirar tamanha liberdade!



“O amor aos irmãos não se fabrica, não é fruto do nosso esforço natural, mas exige uma transformação do nosso coração egoísta. Nasce então espontaneamente a célebre súplica: "Jesus, fazei o nosso coração semelhante ao vosso". Por isso mesmo, o convite de São Paulo não era: "Esforçai-vos por fazer boas obras". O seu convite era mais precisamente: «Tende entre vós os mesmos sentimentos que estão em Cristo Jesus» (Fl 2, 5).”

(“Amou-nos”, Carta Encíclica *Dilexit nos*, Papa Francisco)

Parábola do Pai misericordioso

Js 5,9a.10-12 «Pôs-se a caminho e foi ter com o pai. Ainda ele estava longe, quando o pai o viu: encheu-se de compaixão e correu a lançar-se-lhe ao pescoço, cobrindo-o de beijos.»

Sl 33 (34)

2 Cor 5,17-21 (Lc 15, 20)

Lc 15,1-3.11-32





Quantas vezes já ouvimos esta “parábola do filho pródigo”? Cada vez que a escutamos podemos, de novo, saborear toda a sua riqueza. Há tantos ensinamentos simples da Bíblia que precisamos de reler, reler, reler... para lembrar a importância dos ensinamentos de Jesus.

Esta parábola fala-nos do pecado, do arrependimento, do perdão, da reconciliação, da grandeza do Amor do Pai, esse Amor que perdoa, acolhe, um Amor incondicional. Mas também fala da inveja do filho mais velho, da busca da liberdade à procura da independência, das limitações que temos longe do Pai, da liberdade que temos todos os dias de ir para longe do Amor de Deus, de permanecer junto d’Ele ou de regressar. E também fala das riquezas do Pai. Que riquezas serão essas?

Quando vivemos junto às riquezas, muitas vezes não somos capazes de reconhecer o seu valor. O filho mais novo decidiu ir para longe do Pai; depois de algum tempo, apercebeu-se de que podia voltar para junto do Pai, onde havia “pão em abundância”. O mais velho, que sempre viveu junto do Pai, nunca se apercebeu de que o Pai partilhava com ele toda aquela abundância.

Será que eu reconheço as riquezas que tenho ao meu dispor?

Reconheço o “Pão nosso de cada dia” que tenho ao meu dispor?

Muitas vezes, vivemos na abundância e não nos apercebemos, não lhe damos valor. Gosto muito da frase “O segredo da felicidade é uma vivência agradecida”. Saibamos saborear tudo o que temos de bom na nossa vida.

Em alguns momentos da nossa vida, necessitamos de liberdade e independência. Que bom podermos ser livres e independentes.

Qual a maior liberdade?

É impressionante o número de divórcios à nossa volta. Será esta busca de independência uma das causas do divórcio? Será que não reconhecemos e valorizamos o que temos?

A busca da liberdade é típica da juventude, foi o filho “mais novo” que partiu. Será que sabemos viver a liberdade junto do Pai? Junto do Amor de Deus? Vamos viver na juventude eternamente ou queremos crescer juntos, com quem nos rodeia, um Amor maduro?

Sabemos acolher quem nos magoou ou quem é simplesmente diferente de nós?

Que bom conhecermos este amor incondicional! Quantas pessoas nunca ouviram falar deste Amor com “A” grande? O Amor que acolhe “todos, todos, todos”. Sei acolher os meus pais que já estão velhotes, o meu marido que chega cansado do trabalho, o meu filho adolescente e inconstante, o meu vizinho que faz barulho a horas impróprias, o meu colega de trabalho irritadiço? Damos espaço ao outro para o ouvir? Estou disposta a prescindir da minha liberdade para acolher o outro?

*Perdoa, Senhor, o nosso dia,
a ausência de gestos corajosos,
a fraqueza dos actos consentidos,
a vida dos momentos mal amados.*

*Perdoa o espaço que Te não demos,
Perdoa porque não nos libertámos.
Perdoa as correntes que pusemos
em Ti, Senhor, porque não ousámos.*

*Contudo, faz-nos sentir,
perdoar é esquecer a antiga guerra.
E partindo, recomeçar de novo,
como o sol, que sempre beija a terra..*

Levanta-te, vou realizar uma coisa nova!

Is 43,16-21 «Eis o que diz o Senhor: “Não vos lembreis mais dos acontecimentos passados, não presteis atenção às coisas antigas. Olhai: vou realizar uma coisa nova, que já começa a aparecer; não a vedes? Vou abrir um caminho no deserto, fazer brotar rios na terra árida. Os animais selvagens – chacais e avestruzes – proclamarão a minha glória, porque farei brotar água no deserto, rios na terra árida, para matar a sede ao meu povo escolhido, o povo que formei para Mim e que proclamará os meus louvores”.» (Is 43, 18-21)

«Jesus foi para o Monte das Oliveiras. De madrugada, voltou outra vez para o templo e todo o povo vinha ter com Ele. Jesus sentou-Se e pôs-Se a ensinar. Então, os doutores da Lei e os fariseus trouxeram-Lhe certa mulher apanhada em adultério, colocaram-na no meio e disseram-Lhe: “Mestre, esta mulher foi apanhada a pecar em flagrante adultério. Moisés, na Lei, mandou-nos matar à pedrada tais mulheres. E Tu, que dizes?” Faziam-Lhe esta pergunta para O fazerem cair numa armadilha e terem de que O acusar. Mas Jesus, inclinando-Se para o chão, pôs-Se a escrever com o dedo na terra. Como insistissem em interrogá-Lo, ergueu-Se e disse-lhes: “Quem de vós estiver sem pecado atire-lhe a primeira pedra!” E, inclinando-Se novamente para o chão, continuou a escrever na terra. Ao ouvirem isto, foram saindo um a um, a começar pelos mais velhos, e ficou só Jesus e a mulher que estava no meio deles. Então, Jesus ergueu-se e perguntou-lhe: “Mulher, onde estão eles? Ninguém te condenou?” Ela respondeu: “Ninguém, Senhor”. Disse-lhe Jesus: “Também Eu não te condeno. Vai e de agora em diante não tornes a pecar”.» (Jo 8, 1-11)



o rezar estas duas leituras, senti uma enorme paz e esperança, de tal forma que me deu vontade de permanecer para sempre nesse estado e, ao mesmo tempo, partilhar e contagiar à minha volta. São sinais de renascimento, como se fosse a preparação da Ressurreição.

É um renascimento da sociedade: uma sociedade mais capaz de perdoar e acolher do que de condenar e maltratar. Porque a lei dos homens é dura e cega, mas a nova Lei que Jesus nos traz coloca a compaixão e o amor no meio da retidão.

É um renascimento pessoal: porque é fácil condenar o próximo quando temos tanto que corrigir em nós próprios. Jesus não condena, mas insta a mulher a não voltar a pecar. E este apelo do Mestre é também para nós. Ele conhece as nossas imperfeições e limitações, não nos quer menos por isso, mas pede-nos que melhoremos sempre, cada dia um pouco mais. Que tornemos o nosso amor maior, mais universal. Pede-nos que sejamos firmes no amor e na ajuda ao próximo, na atenção às suas necessidades, na compreensão das suas limitações. Que não sejamos zangados e rancorosos, mas bondosos e reconciliadores. Jesus veio para suavizar os nossos corações, para nos dar a Paz.

Libertarmo-nos do passado e ter esperança num futuro melhor, num amanhã construído por Homens que semeiem e celebrem a paz e o perdão, a união e a misericórdia mais do que qualquer outra coisa. É esta a novidade, a água no deserto, o rio na terra árida da qual o profeta Isaías nos fala. Uma novidade transformadora, tão necessária hoje como no tempo do profeta. Parece que, às vezes, nos falta fé para acreditar nesta Palavra de Deus e ver com clareza que era essa a missão de Jesus: reconstruir o mundo pelo Amor, o perdão e a paz.

Sinto a paz e a serenidade que a minha mãe sempre inspirava em todos os que tocava. E assim era porque vivia este Evangelho todos os dias. Perdoava de coração a todos por tudo. Tinha uma compaixão e misericórdia ilimitadas pelo próximo. Como sou muito diferente dela, sempre me custou viver assim o perdão e a misericórdia, mas sempre a admirei por isso. Como escreveu o Papa Francisco na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* (n.288) “(...) *a humildade e a ternura não são virtudes dos fracos, mas dos fortes, que não precisam de maltratar os outros para se sentir importantes.*”. E só com muita humildade e ternura de coração podemos perdoar algumas coisas que acontecem, que são duras e nos magoam profundamente. Que esta nova estrela no Céu nos ajude a viver sempre com um coração terno e humilde.



"Queridos irmãos e irmãs:

Alegra-me ver-vos. Obrigada por terem viajado, por terem caminhado, obrigada por estarem aqui! (...) Agora olhemos para trás, tudo o que recebemos, o que já recebemos, tudo isso preparou o nosso coração para a alegria. Todos, se olharmos para trás, temos pessoas que foram um raio de luz para a nossa vida: pais, avós, amigos, sacerdotes, religiosas, catequistas, animadores, professores, são como as raízes da nossa alegria. Agora façamos um segundo de silêncio, e cada um pensa naqueles que nos deram algo na vida, que são como as raízes de alegria. Encontraram rostos? Encontraram histórias? Essa alegria que veio por essas raízes é a que nós temos de dar, porque nós temos raízes de alegria, e também nós podemos ser para os outros raízes de alegria. Não se trata de levar uma alegria passageira, uma alegria do momento, trata-se de levar uma alegria que crie raízes. E pergunto-me, como podemos converter- -nos em raízes de alegria? (...) Vocês já se cansaram alguma vez? Então pensem no que acontece quando alguém está cansado, não tem vontade de fazer nada (...) então desiste, deixa de caminhar e cai. Acha que uma pessoa que cai na vida, que tem um fracasso, que inclusive comete erros graves, fortes já está acabada? Não. O que é que se deve fazer? Levantar-se. (...) Os alpinistas que gostam de subir montanhas têm um ditado muito bonito que diz assim: Na arte de subir à montanha, o que importa não é não cair, mas sim não permanecer caído. O que permanece caído desistiu, perdeu a esperança, aí fica caído, e, quando vemos algum amigo nosso que esteja caído, o que temos de fazer? Levantá-lo, com força. Quando temos de levantar ou ajudar a levantar uma pessoa, que gesto fazemos? Olhamos para ela de cima para baixo.

A única situação em que é legítimo olhar para uma pessoa de cima para baixo é para a ajudar a levantar-se. (...)

Caminhar. Se cair, levantar-me ou deixar que me ajudem a levantar, não ficar caído e treinar-me, treinar-me no caminho. E tudo isto é possível (...) Caminhem com um objetivo, treinem-se todos os dias da vida. Na vida nada é de graça, tudo se paga. Só há uma coisa de graça: o amor de Jesus. Por isso, com esta oferta que temos, o amor de Jesus, e com o desejo e a vontade de caminhar, caminhemos na esperança. Olhemos para as nossas raízes, sem medo, não tenham medo!”

(Papa Francisco, Vigília Jornada Mundial da Juventude,
5/8/2023)

parte II **Semana Santa e Páscoa**

Ser pão de esperança para o mundo...

- Is 50,4-7 «O Senhor deu-me a graça de falar como um discípulo, para que eu saiba dizer uma palavra de alento aos que andam abatidos. Todas as manhãs Ele desperta os meus ouvidos, para eu escutar, como escutam os discípulos. O Senhor Deus abriu-me os ouvidos e eu não resisti nem recuei um passo.»
(Is 5, 4-7)
- Sl 21 (22)
- Fl 2,6-11
- Lc 23,1-49

«Mas Vós, Senhor, não Vos afasteis de mim: Sois a minha força (...).»
(Sl 22)

«Jesus Cristo, de condição divina (...) aparecendo como homem, humilhou-Se ainda mais, obedecendo até à morte e morte de cruz. Por isso Deus O exaltou e Lhe deu o Nome que está acima de todos os nomes (...) E toda a língua proclame que Jesus Cristo é o Senhor, para glória de Deus Pai.»
(Fl 2, 6-11)

«Quando chegou a hora, pôs-Se à mesa e os Apóstolos com Ele. Disse-lhes: “Tenho ardentemente desejado comer esta Páscoa convosco, antes de padecer, pois digo-vos que já não a voltarei a comer até ela ter pleno cumprimento no Reino de Deus”. (...) Tomou então o pão e, depois de dar graças, partiu-o e distribuiu-o por eles, dizendo: “Isto é o Meu corpo que vai ser entregue por vós; fazei isto em Minha memória”.»
(Lc 23,1-49)



Como é bom começar este tempo de oração e de relação mais próxima com Deus, ouvindo, Jesus as palavras que dirigiste aos Apóstolos: *“Tenho desejado ardentemente comer esta Páscoa convosco”*. Acredito que dizes estas mesmas palavras a cada um de nós, sempre que Te damos espaço no nosso coração e na nossa vida.

Seja qual for a circunstância, o momento da nossa existência... desde que o vivamos contigo... é, de facto, o tempo mais importante! Faz-me confiar também que a minha vida, a vida de cada um, tem imenso valor, que se manifesta já hoje (no momento presente) na entrega diária, nos pequenos gestos (tantas vezes tão difíceis e aparentemente repetidos e sem grande significado...). Experimento cada vez mais que é o Amor, o Teu Amor entregue (que pode ser expresso em tudo e em todos) que dá sentido a tudo (até mesmo àquilo que não entendemos).

Se vivemos com Deus e em Deus, se vivemos com fé e na fé, tudo é possível... Isso significa viver *“Alegres na Esperança”*.

Ajuda-nos, Senhor, a acreditar, a experimentar a Tua presença, a não ter medo de transmitir os sinais do Teu Amor. Ajuda-nos a acreditar, tal como diz o profeta Isaías, que *“em cada manhã, em cada dia, o Senhor dá-me a graça de falar como um discípulo, para que eu saiba amparar, com uma palavra, com um gesto, uma atitude, um silêncio, os que andam extenuados e incrédulos...”*

Mas para *“não resistirmos nem recuarmos”* perante a Tua presença, precisamos de um coração alimentado e recompensado com a Tua Palavra e o Teu Amor. Quando rezamos a leitura do Evangelho de S. Lucas, Jesus convida-nos a ser pão para o mundo.

Pão que é tomado (escolhido), abençoado por Deus, partido e entregue para benefício de muitos.

É Jesus quem nos pede, por Amor: “*Façam isto em memória de Mim*”. Pede que o façamos não somente no momento da Eucaristia, mas convida-nos também a fazer da nossa vida uma Eucaristia! A viver cada dia, desde que acordamos até que nos deitamos, como uma Eucaristia viva...

Viver como Escolhidos (tomados): viver cada dia sabendo que somos filhos amados de Deus e irmãos dos outros; aprender a celebrar e a saborear frequentemente esta realidade de sermos amados; sermos, também, criativos na forma como podemos contagiar esta experiência aos nossos irmãos.

- Em que situações faço experiência de “ser escolhido”?
- Como posso transmiti-la aos outros?

Viver como Abençoados: descobrir em tudo e em todos, nos outros, em cada momento, a presença do Pai. A oração é, cada vez mais, uma forma de receber esta bênção. Ir caminhando por este mundo distribuindo “bênçãos”.

- Que bênçãos quero agradecer hoje?
- Quais são as bênçãos que posso distribuir aos outros?

Viver como Partidos: viver plenamente as várias dimensões e a complexidade da vida humana; viver centrados no próximo, nos outros (em vez de nos centrarmos nas nossas fragilidades e incapacidades). Ter a confiança de que não nos vamos desestruturar, pois é o Amor do Pai que nos sustenta e alimenta.

- Em que situações tenho receio de me “partir”?
- Onde preciso que Tu me sustentas, me situes?

Viver como Entregues: saber viver a entrega diária com Amor, procurando sempre o Bem Maior, “treinando” cada vez mais o Amor gratuito, generoso... Viver a alegria e a esperança dos frutos da entrega...

- Onde e a quem me custa entregar?
- Que frutos da entrega já consigo viver?

Quero pedir-Te, Pai, por nós e por tantas pessoas que muitas vezes trilham este caminho a “sangue-frio”... são partidas, entregues, sem conhecerem o Teu Amor, sem serem tocadas por Jesus. Tudo o que é feito por Amor e com Amor não se perde, mas, muitas vezes, vive-se o momento presente sem sentido e espera-se o futuro sem esperança.

Ajuda-nos neste caminho, para sermos Eucaristia e alimento para tantas vidas, para sermos peregrinos de esperança neste mundo.

Ajuda-nos, Mãe, a estarmos atentos a tantas situações que nos interpelam, e a entregarmo-nos, com Amor, nas pequenas coisas do dia-a-dia.



“Na Eucaristia, contemplamos e adoramos o Deus do amor. É o Senhor que não divide ninguém, mas divide-Se a Si mesmo. É o Senhor que não exige sacrifícios, mas sacrifica-Se a Si mesmo. É o Senhor que não pede nada, mas dá tudo. Para celebrar e viver a Eucaristia, também nós somos chamados a viver este amor. Porque não podes partir o Pão do domingo, se o teu coração estiver fechado aos irmãos. Não podes comer este Pão, se não deres o pão aos famintos. Não podes partilhar deste Pão, se não partilhas os sofrimentos de quem passa necessidade. No fim de tudo, inclusive das nossas solenes liturgias eucarísticas, restará apenas o amor. E, já desde agora, as nossas Eucaristias transformam o mundo, na medida em que nós mesmos nos deixamos transformar tornando-nos pão partido para os outros.”

(Papa Francisco.
Homilia da Solenidade do Corpo e Sangue de Cristo.
6 de junho de 2021)

A comunhão é o momento

- Ex 12,1-8.11-14 «Com efeito, eu recebi do Senhor o que também vos transmiti: o Senhor Jesus na noite em que era entregue, tomou o pão e, tendo dado graças, partiu-o e disse: “Isto é o Meu corpo, que é para vós; fazei isto em memória de Mim”.
- SI 115 (116)
- 1 Cor 11,23-26 Do mesmo modo, depois da ceia, tomou o cálice e disse: “Este cálice é a nova Aliança no Meu sangue; fazei isto sempre que o beberdes, em memória de Mim.” Porque, todas as vezes que comerdes deste pão e beberdes deste cálice, anunciais a morte do Senhor, até que Ele venha.»
(1 Cor 11, 23-26)

“**F**azei isto em memória de Mim”.

A Última Ceia é a celebração do amor.

Nós sabemos o que vai acontecer a seguir. Sabemos da entrega de Jesus, sabemos do Seu sofrimento, da Sua dor, mas também conseguimos perceber a Sua força, e a paz que carrega quando Se oferece para nos salvar e nos dar a vida eterna.

“Fazei isto em memória de Mim”.

Estas são as palavras ditas por Jesus numa despedida com sabor a reencontro. Com os Apóstolos. Com cada um de nós.

Este é o momento. O momento de oportunidade que nos é dado para nos lembrarmos do que Jesus fez por nós, e do que Deus deu por nós: o Seu Filho.

Este é o momento. O momento em que nos é depositada a esperança no futuro.

A comunhão é o momento em que recebemos Jesus, juntamente com a oportunidade de sermos Jesus para o mundo.

É o momento em que aceitamos e assumimos a missão de ser e de fazer o que Jesus nos pede, em Sua memória.

A última ceia parece trazer a morte. Mas só a morte como um fim para os nossos pecados. Porque a Última Ceia é a celebração do amor.

*Num anunciar solene do alimento convertido no pilar da nossa vida,
reconciliamo-nos conTigo numa comunhão perfeita.
Ligamos o botão do nosso íntimo,
comovemo-nos,
e abreviando a queda de umas lágrimas,
enchemo-nos de instantes de Ti,
dispostos a deixar-Te ocupar O lugar.
Recorremos ao invisível caminho de volta,
envoltos na misericórdia e no perdão.
Ressurgimos num esplendor da força que nos entregasTe,
e nos detalhes, encontramos o essencial de Ti!*

(Rita Brígida)



Caminhar com as fraquezas

Is 52,13–53,12 «Uma vez que temos um grande Sumo Sacerdote que atravessou os céus, Jesus, o Filho de Deus, conservemos firme a fé que professamos.

Sl 30 (31)

Hb 4,14-16;5,7-9

De facto, não temos um Sumo Sacerdote que não possa compadecer-Se das nossas fraquezas, pois Ele foi provado em tudo como nós, exceto no pecado.

Jo 18,1–19,42

Aproximemo-nos, então, com grande confiança, do trono da graça, a fim de alcançar misericórdia e encontrar graça para uma ajuda oportuna.

Nos dias da Sua vida terrena, apresentou orações e súplicas Àquele que O podia salvar da morte, com grande clamor e lágrimas, e foi atendido por causa da Sua piedade.

Apesar de ser Filho de Deus, aprendeu a obediência por aquilo que sofreu e, tornado perfeito, tornou-Se para todos os que lhe obedecem fonte de salvação eterna.»

(Heb 4, 14-16; 5, 7-9)



Chegamos ao dia em que Jesus morre numa cruz.

No texto de Hebreus de hoje, o caminho de Jesus, na Paixão, é-nos apresentado como um caminho onde Jesus vive as nossas fraquezas e sofrimentos.

Jesus, neste dia, sofre as angústias e os problemas que também nos sucedem: a traição, a injustiça, o fazerem de conta que não O conhecem, a violência física, a tortura e a morte.

O texto diz: *“De facto, não temos um Sumo Sacerdote que não possa compadecer-Se das nossas fraquezas, pois Ele foi provado em tudo como nós, exceto no pecado.”*

Jesus, neste dia, vive a nossa realidade no Seu dia de extremo sofrimento. Não há fraqueza nossa que o nosso Deus não conheça e da qual não Se compadeça. Por maiores que essas fraquezas sejam, há Alguém que se compadece de todas elas: Jesus, na Sua infinita compaixão nessa vivência no dia da Sua Paixão, e em toda a Sua vida.

Tantas vezes nos revoltamos por ser fracos, e porque a nossa fraqueza parece impedir-nos de viver o que gostaríamos de viver.

Ao olhar para Jesus, neste dia, vemos que a fraqueza que viveu foi o caminho para viver o que Ele quis viver: amar sempre e amar até ao fim.

Por isso, hoje, descobria o convite a olhar de maneira diferente para as minhas fraquezas. Não que não as tente superar, mas descubro o convite a não me revoltar contra mim mesmo por essas fraquezas existirem em mim, e na minha vida. Sou convidado a descobrir a forma de usar as minhas fraquezas para me ajudarem a viver o que sou convidado a viver: a, cada vez mais, tentar amar ao jeito de Jesus.

Mas também sou convidado a olhar para as fraquezas dos outros com outro olhar. Sou convidado a abandonar o olhar crítico. Convidado a não julgar.

Em suma, sou convidado a fazer com os outros o que Deus faz comigo: compadecer-me das suas fraquezas.

O meu olhar tem de mudar e de se ir transformando, para olhar para os outros como Deus olha para cada um de nós.

Fazer das fraquezas forças, é esse o grande objetivo. Mudar a perspetiva. Em vez de viver o que posso, porque tenho muitas fraquezas limitativas, ir usando essas mesmas fraquezas para viver o que sou chamado a viver.

Só consigo isso se o Senhor Jesus me ensinar. Só consigo isso se dou espaço e tempo a Deus para Ele ir transformando o meu coração e o meu olhar.

Neste dia, quero deixar morrer em mim este olhar negativo sobre mim, sobre os outros, e ir aprendendo a compadecer-me de toda e qualquer fraqueza, tal como Deus faz?



*Não importa sermos pequenos,
Não importa de que errâncias chegamos.
Deus está sempre disposto
a procurar-nos e a encher-nos de uma medida transbordante
de Amor.*

*E repete-nos: “Ama-Me como tu és”,
a cada instante
e na posição em que te encontras,
no fervor ou na segura,
na fidelidade ou na infidelidade.
Se tu esperas tornar-te primeiro perfeito
para então começares a Me amar,
não Me amarás nunca.*

*Eu só não te permito uma coisa,
que não Me ames.*

Ama-Me, tal como és.

*Eu quero
o teu coração esfarrapado,
o teu olhar indigente,
as tuas mãos vazias
e pobres.*

Eu amo-te até ao fundo da tua fraqueza.

Eu amo o Amor dos pobres.

*Eu quero ver no fundo da tua miséria,
crescer o Amor
e só o Amor.*

Se para Me amar, tu esperas primeiro ser perfeito, nunca Me amarás. “Ama-me como és!”

(Cardeal Dom José Tolentino Mendonça in Facebook –
comodissetolentino – 11 de novembro 2024)

A força da Vida na cruz

- Gn 1,1–2,2 «Eis o que diz o Senhor: todos vós que tendes
SI 103 (104) sede, vinde à nascente das águas.
Vós que não tendes dinheiro, vinde, comprai
e comei.(...)Por que gastais o vosso dinheiro
naquilo que não alimenta e o vosso trabalho
naquilo que não sacia?»
- Gn 22,1-18
SI 15 (16)
- Ex 14,15–15,1 Prestai-Me ouvidos e vinde a Mim; escutai-Me
Ex 15,1-2.3-4.5- e vivereis. Firmarei convosco uma aliança
6.17-18 eterna (...) Deixe o ímpio o seu caminho e o
homem perverso os seus pensamentos.
- Is 54,5-14 Converta-se ao Senhor, que terá compaixão
SI 29 (30) dele, ao nosso Deus, que é generoso em
perdoar.»
- Is 55,1-11 (Is 55, 1-11)
- Is 12,2-3.4bcd.5-6
- Br 3,9-15.32–4,4 «Escuta, Israel, os mandamentos da vida;
SI 18 (19) inclina os teus ouvidos para aprenderes a
prudência.
Por que será, Israel, que te encontras em país
inimigo
e envelheces em terra estrangeira?
(...)»
- Ez 36,16-17a.18- Se tivesses seguido o caminho de Deus,
28 viverias em paz eternamente.»
SI 41 (42) (Br 3, 9-15.32 – 4, 4)
- Rm 6,3-11
- SI 117 (118)
- Lc 24,1-12

Estes dias da Páscoa são sempre tão intensos, tão cheios de cerimônias, de missas, de preparações para a Páscoa, que, muitas vezes, sinto que fiquei na Quaresma: a tentar ao máximo não a viver na ótica da penitência, mas a querer treinar o que quero transformar em mim para que possa viver como acho que deve viver alguém que quer viver com Cristo ressuscitado... De tanto querer ir a todas as cerimônias, às confissões, tempo de oração, lava-pés, por vezes esqueço-me de viver o principal: o encontro com Jesus.

Que Jesus me tem acompanhado no caminho?

Que Jesus quero que me acompanhe a partir de agora? Que companheiro quero ser para Ti, Jesus?

Sou capaz de ver o Cristo Ressuscitado?

Hoje é um dia de silêncio.

Somos convidados a começar o dia em silêncio: Jesus morreu. O que Lhe aconteceu?

Que é que a morte de Jesus provoca na minha vida?

Sou capaz de olhar para a minha vida e ver onde Jesus morreu em mim?

Qual é o silêncio que habita em mim, hoje, no meu coração...? O silêncio dos que negaram a Jesus, como aconteceu com Pedro? O silêncio dos que assistem às injustiças, mas que calam, porque acham que “não adianta nada fazer diferente”, ou dos que nada fazem quando veem injustiças porque têm medo? O silêncio dos que não respondem ao chamamento porque os desinstalaria demasiado?

Fazer silêncio não é só ficar calado..., mas calar todo o mundo que vive dentro de mim. Todas as vozes, os palpites, os juízos, as comparações, os preconceitos.

Gostaria de ser capaz de calar tudo, mas mesmo tudo, e olhar para a cruz de frente.

E olhar, também, de frente para a minha vida e para as minhas cruzes, para os meus sepulcros e para as minhas mortes. De frente. Em verdade.

Este silêncio faz ressoar em mim esta leitura: *“Por que será, Israel, que te encontras em país inimigo e envelheces em terra estrangeira?”*

Sim, por que será que, apesar de saber que viver com Deus é muito melhor, me faz muito mais feliz, me faz viver de acordo com o que sou, em verdade, insisto em viver em “terra estrangeira”, longe de Deus e do Seu Amor? Agindo mais de acordo com os meus critérios, os meus interesses?

Este silêncio também me tem trazido alguma solidão. Algum medo. E muito julgamento de mim mesma, por ter deixado Jesus morrer em algumas partes da minha vida, ou em algumas partes da vida dos que me são próximos, porque não insisti para que fossem à missa, porque não lhes levei a Boa Nova, já que, para eles, a construção do Reino passava por mim e eu não estava lá a fazer a minha parte..., ou como me deixo vencer pela superficialidade, pela necessidade de validação dos outros, pela ganância, ou por que me agarro a seguranças materiais que me afastam dos meus valores e da minha essência... Mas também vejo que não estou sozinha no meu silêncio.

Às vezes até me pode parecer que sim, que estou sozinha, mas, em mim, também ressoa a leitura: *“Firmarei convosco uma aliança eterna”*.

Há uma certeza que vive dentro de mim: a certeza de que é aqui, onde estou neste momento, com estas misérias que fazem de mim o que sou, por maior que seja o silêncio que me habita e a morte que me devora, que Jesus vem. E que me vem salvar e firmar uma

Aliança. E vem atravessar essa morte comigo, para que também eu possa ressuscitar: construindo a partir do que sou e do que vivi. Construindo o Reino de Deus, construindo uma nova maneira de viver e de viver a Fé. Não só para mim, mas também para os outros que comigo vivem neste mundo.

Muitas vezes olho para a cruz como o fim. Mas, cada vez mais, compreendo e tento viver que a cruz é uma porta: uma porta para a vida. Para uma vida nova.

Que hoje à noite, na Vigília, sejamos capazes de recordar o caminho que já fizemos com Jesus, à medida que vamos ouvindo as leituras do caminho do povo de Israel, que também somos nós, e que sejamos capazes de aderir a esta vida nova que Jesus nos veio mostrar.



Detenhamo-nos, queridos irmãos e irmãs, nestes dois momentos que nos levam à alegria inaudita da Páscoa: num primeiro momento, as mulheres perguntam-se, angustiadas, quem faria rolar a pedra; mas depois, no segundo momento, erguendo os olhos, veem que aquela já tinha sido rolada.

Antes de mais nada – primeiro momento – temos a pergunta que preocupa o seu coração lacerado pelo sofrimento: quem nos fará rolar a pedra do sepulcro? Aquela pedra representava o fim da história de Jesus, sepultado na noite da morte. Ele, a vida que veio ao mundo, foi morto; Ele, que manifestou o amor misericordioso do Pai, não recebeu compaixão; Ele, que aliviou os pecadores do peso da condenação, foi condenado à cruz. O Príncipe da Paz, que libertara uma adúltera da fúria violenta das pedras, jaz sepultado no interior duma grande pedra. Aquele maciço, obstáculo intransponível, era o símbolo do que as mulheres levavam no coração, ou seja, o fim da sua esperança: tudo se despedaçara contra ele, com o mistério sombrio dum sofrimento dramático que impedia a realização dos seus sonhos.

Irmãos e irmãs, o mesmo pode acontecer connosco também. Às vezes sentimos que uma pedra tumular foi pesadamente instalada à entrada do nosso coração, sufocando a vida, extinguindo a confiança, encarcerando-nos no sepulcro dos medos e amarguras, bloqueando o caminho para a alegria e a esperança. São «maciços da morte»; e encontramos-los, ao longo do caminho, em todas as experiências e situações que nos roubam o entusiasmo e a força para avançar: nos sofrimentos que nos afetam e na morte de pessoas queridas, que deixam em nós vazios incuráveis; encontramos-los nos fracassos e medos que nos impedem de fazer as coisas boas que temos no coração; encontramos-los em todos os isolamentos que abrandam os nossos impulsos de generosidade, não permitindo abrir-nos ao amor; encontramos-los nos muros de borracha do egoísmo – são verdadeiramente muros de borracha –

egoísmo e indiferença, que impedem o compromisso de construir cidades e sociedades mais justas e à medida do homem; encontramos-los em todos os anseios de paz sufocados pela crueldade do ódio e pela ferocidade da guerra. Quando se experimentam estas decepções, apodera-se de nós a sensação de que muitos sonhos acabarão por ser desfeitos, perguntando-nos, angustiados, a nós mesmos: quem nos rolará a pedra do sepulcro?

E, contudo, essas mesmas mulheres que tinham a escuridão no coração dão-nos testemunho de algo extraordinário: erguendo os olhos, viram que a pedra já tinha sido rolada, embora fosse muito grande. Aqui está a Páscoa de Cristo, aqui está a força de Deus: a vitória da vida sobre a morte, o triunfo da luz sobre as trevas, o renascimento da esperança por entre os escombros do fracasso. Foi o Senhor, o Deus do impossível, que, para sempre, rolou a pedra para o lado e começou a abrir os nossos corações, a fim de não acabar a esperança. Por isso devemos também nós elevar os olhos para Ele.

Então – segundo momento –, levantamos o olhar para Jesus: depois de ter assumido a nossa humanidade, Ele desceu aos abismos da morte e atravessou-os com a força da Sua vida divina, descerrando uma fresta infinita de luz para cada um de nós. Ressuscitado pelo Pai na Sua carne, na nossa carne, com a força do Espírito Santo abriu uma nova página para o género humano. A partir de então, se deixarmos Jesus tomar-nos pela mão, nenhuma experiência de fracasso e sofrimento, por mais que nos doa, poderá ter a última palavra sobre o sentido e o destino da nossa vida. A partir de então, se nos deixarmos agarrar pelo Ressuscitado, nenhuma derrota, nenhum sofrimento, nenhuma morte poderá deter o nosso caminho rumo à plenitude da vida. A partir de então, «nós, cristãos, digamos que esta história (...) tem sentido, um sentido que tudo abrange, um sentido que já não está contaminado pelo absurdo e a obscuridade (...), um sentido a que chamamos

Deus (...). Para Ele, confluem todas as águas da nossa transformação; estas não afundam nos abismos do nada e do absurdo (...), porque o seu sepulcro está vazio e Ele, que estava morto, manifestou-Se como o vivente» (K. Rahner, O que é a ressurreição? Meditações sobre a Sexta-Feira Santa e sobre a Páscoa, Brescia 2005, 33-35).

Irmãos e irmãs, Jesus é a nossa Páscoa, Ele é aquele que nos faz passar das trevas para a luz, que Se uniu a nós para sempre e nos salva dos abismos do pecado e da morte, arrastando-nos no ímpeto luminoso do perdão e da vida eterna. Irmãos e irmãs, levantemos o olhar para Ele, acolhamos Jesus, Deus da vida, nas nossas vidas, renovemos-Lhe hoje o nosso «sim» e nenhum maciço poderá sufocar-nos o coração, nenhum sepulcro poderá encerrar a alegria de viver, nenhum fracasso será capaz de nos lançar no desespero. Irmãos e irmãs, levantemos o olhar para Ele e peçamos-Lhe que a força da Sua ressurreição role para o lado as pedras que nos oprimem a alma. Levantemos o olhar para Ele, o Ressuscitado, e caminhemos na certeza de que, no fundo obscuro das nossas expectativas e das nossas mortes, já está presente a vida eterna que Ele veio trazer.

Irmã, irmão, que o teu coração possa explodir de júbilo nesta noite, nesta noite santa! Juntos, cantemos a ressurreição de Jesus: «Cantai-O, cantai-O todos, rios e planícies, desertos e montanhas (...), cantai o Senhor da vida que surge do túmulo, mais brilhante que mil sóis. (...) Nasça nas trevas o grito inesperado: está vivo, ressuscitou! E vós, irmãos e irmãs, pequenos e grandes (...), vós que estais imersos na fadiga de viver, vós que vos sentis indignos de cantar (...), oxalá uma nova chama atravessasse o vosso coração, um frescor novo permeie a vossa voz. É a Páscoa do Senhor, irmãos e irmãs, é a festa dos viventes».

(Homilia Papa Francisco - Sábado Santo,
30 de março de 2024)

“Viu e acreditou.”

- At 10,34a.37-43 «No primeiro dia da semana, Maria Madalena foi de manhãzinha, ainda escuro, ao sepulcro e viu a pedra retirada do sepulcro. Correu, então, e foi ter com Simão Pedro e com o discípulo predileto de Jesus e disse-lhes: “Levaram o Senhor do sepulcro e não sabemos onde O puseram”.
- SI 117 (118)
- Cl 3,1-4 ou
1 Cor 5,6b-8
- Jo 20,1-9 Pedro partiu com o outro discípulo e foram ambos ao sepulcro.

Corriam os dois juntos, mas o outro discípulo antecipou-se, correndo mais depressa do que Pedro, e chegou primeiro ao sepulcro.

Debruçando-se, viu as ligaduras no chão, mas não entrou.

Entretanto, chegou também Simão Pedro, que o seguira.

Entrou no sepulcro e viu as ligaduras no chão e o sudário que tinha estado sobre a cabeça de Jesus, não com as ligaduras, mas enrolado à parte.

Entrou também o outro discípulo que chegara primeiro ao sepulcro: viu e acreditou.

Na verdade, ainda não tinham entendido a Escritura, segundo a qual Jesus devia ressuscitar dos mortos.»

(Jo 20, 1-9)

Maria Madalena foi ao sepulcro. O dia estava ainda escuro, como escuro estava o seu coração, vencido pela tristeza e pela desilusão: Aquele que ela tinha seguido e que tanta vida lhe tinha dado, Aquele que tinha mudado a sua existência, afinal estava morto. Tudo tinha acabado. O sepulcro encerrava toda a esperança. Contudo, a surpresa de uma pedra removida deixou-a perplexa. O que significaria aquilo? Deduziu pelo mais óbvio: alguém teria roubado o corpo de Jesus. *“Levaram o Senhor do sepulcro e não sabemos onde O puseram”*.

Nós também somos assim. Tocados pelo desânimo, pela tristeza, pela angústia, arrastamo-nos por lugares de morte em vez de procurarmos a Vida. Deixamos abafar a Vida que quer viver em nós. E quando ela quer manifestar-se claramente a nossos olhos, não acreditamos.

Jesus tinha falado muitas vezes na Ressurreição. Dissera que iria partir mas que voltaria. Maria Madalena tinha lidado tão de perto com Jesus, tinha andado tanto com Ele, tinha-O escutado tanto... Mas não descodificou que a pedra removida era o sinal da Ressurreição. Não acreditou no impossível: ficou pelo trivial; não ousou ver mais longe: ficou naquilo que os seus olhos chorosos presenciavam. Serei também assim? O que me falta para olhar mais além?

Foquemo-nos também na atitude de Pedro e de João.

“Corriam os dois juntos, mas o outro discípulo antecipou-se, correndo mais depressa do que Pedro, e chegou primeiro ao sepulcro.”. João era mais jovem, era natural que fosse mais rápido. Além disso, movia-o a esperança. Não foi só a preocupação que o fez correr: foi o desejo ardente de que fosse verdade o que Jesus prometera.

Temos neste passo um detalhe que sempre me toca quando leio esta passagem: João chegou primeiro, mas não entrou. O respeito por Pedro, a quem Jesus tinha confiado uma missão especial, fê-lo esperar. Que descrição! Que delicadeza!

Pedro *“viu as ligaduras no chão e o sudário”*. João, que faz a narração destes acontecimentos, não refere o que Pedro pensou ou sentiu. Ficamos sem saber. Perplexo estaria, certamente.

Mas de si próprio, João escreve *“viu e acreditou.”*. Numas ligaduras e num sudário caídos no chão, João contemplou a esperança. Viu mais longe. Acreditou no que o coração lhe dizia.

Escreve também que *“ainda não tinham entendido a Escritura”*. Nós também não. Ainda nos falta esse entendimento de coração, esse olhar de fé sobre tudo o que Deus nos diz, seja na Palavra, no silêncio ou nas circunstâncias da vida.

Neste Ano Jubilar, a Igreja desafia-nos a ser *“Peregrinos de esperança”*. Vendo o sepulcro vazio, mas com um olhar que vê mais longe, com o coração fixado na Ressurreição.

“No coração de cada pessoa, encerra-se a esperança como desejo e expectativa do bem, apesar de não saber o que trará consigo o amanhã. (...) Muitas vezes, encontramos pessoas desanimadas que olham, com ceticismo e pessimismo, para o futuro como se nada lhes pudesse proporcionar felicidade. Que o Jubileu seja, para todos, ocasião de reanimar a esperança!” – Spes non confundit, Bula de proclamação do Jubileu 2025.



Notas:

parte III

somos Igreja

Família Missionária Verbum Dei, Comunidade em Peregrinação

Peregrinar, peregrinação, ser peregrinos. A Família Missionária Verbum Dei tem este ADN nas suas raízes, desde a sua fundação.

Surgiu de um peregrino, Jaime Bonet, que, de aldeia em aldeia, na ilha de Maiorca, se ia encontrando com grupos de jovens, também elas inquietas e peregrinas, que desejavam fazer um caminho de Fé.

No seu peregrinar foram ousadas, e, rapidamente, passaram da Ilha ao continente e a outras partes do mundo. Sem parar, decorridos alguns anos, o seu peregrinar pelo mundo levou a que a comunidade pudesse estar nos cinco continentes.

A peregrinação não tem sido só física, mas também a nível espiritual, na concretização da vocação, na missão, na formação, no estilo de vida. A inculturação tem marcado um caminho desafiante, que nunca permitiu que nos instalássemos pensando que tudo estava concluído. Tem sempre em mente um “ir mais além”, procurar um olhar melhor para os sinais dos tempos e uma maior relação com Deus e com os outros.

Tudo isto tem sido esperança e continua a ser assim, porque há sempre algum desafio mais marcado pela História, pelas novas vivências, pelas situações novas do mundo, sejam elas positivas ou negativas, pelas novas tecnologias, as quais estão, agora, muito presentes e não podemos continuar como se estas não existissem, enfim, jamais pensamos que está tudo feito e que é tempo de parar.

Um fruto deste peregrinar em esperança que o nosso fundador incutiu, para além do que se disse sobre estar presente nas diferentes partes do mundo, culturas, raças... é a possibilidade de haver sempre uma Família Missionária Verbum Dei mesmo em lugares onde não chegam os membros da fraternidade, os missionários, missionárias, casais missionários, e os lugares onde não estão presentes os consagrados. Mas há Família Verbum Dei porque

chegam aqueles que vivem o carisma Verbum Dei no seio da sua família, nos seus trabalhos, estudos, nas empresas, universidades, entre amigos, na vida social, nas paróquias, nos grupos de fé... Todos nós formamos a Família Missionaria Verbum Dei.

Todos, todos, todos, no nosso carisma, queremos continuar a nossa peregrinação missionária, e queremos fazê-lo agora. Particularmente marcada pelo Jubileu, queremos ser alegres peregrinos de esperança.

A Verbum Dei no Mundo



Estamos nos cinco continentes:

- **África:** Camarões, Congo, Costa do Marfim e Guiné Equatorial.
- **América:** Argentina, Bolívia, Brasil, Canadá, Chile, Colômbia, Costa Rica, El Salvador, Equador, Estados Unidos, Guatemala, Honduras, México, Panamá, Peru e Venezuela.
- **Ásia:** Filipinas, Singapura, Taiwan e Vietname.
- **Europa:** Alemanha, Bélgica, Espanha, Hungria, Itália, Inglaterra e Portugal.
- **Oceânia:** Austrália.

Celebrar o 62º aniversário da Verbum Dei em ano de Jubileu

Celebrámos, a 17 de janeiro, o 62º aniversário da Verbum Dei. Na vigília nacional de oração e na Eucaristia, expressámos as razões da nossa alegria: através desta Família e do Carisma que Deus suscitou nela para o mundo, recebemos, e podemos também dar, o acesso direto ao Amor de Deus, pois sabemos que Ele foi derramado nos nossos corações (Rm 5, 5)! Ora, isso é um enorme tesouro, pois já não temos de viver nada sozinhos ou desamparados, mas podemos viver tudo o que nos cabe viver na Sua companhia, e pedir-Lhe a Sua opinião sobre o que mais convém; já não estamos condenados a viver escravos das vozes do mundo, e são tantas..., mas podemos viver na liberdade e na fraternidade, pois somos filhos de Deus (cf. Gl 5); podemos adicionar o Seu Amor ao nosso e isso ultrapassa limites que, a sós, seria impossível ultrapassar.

Neste ano de Jubileu, celebramos o facto de “poder fazer”, na realidade na qual vivemos, experiências de salvação, quase quotidianas, que nos apontam para a certeza de que, também comunitária e socialmente, havemos de as viver!

Celebrar ajuda-nos a reavivar a memória sobre o que, de verdade, importa e o que faz diferença nas nossas vidas. Com isso, ganhamos novo fôlego para permanecer e até para recomeçar; para nos unirmos no aproveitar a oportunidade que nos é dada neste Ano Santo, e, como disse Tolentino, “permitir verdadeiramente uma remexida, uma recomposição – antes de tudo, nos nossos corações... e, depois, no coração da vida social, da vida coletiva, das comunidades humanas. Queridos irmãos e irmãs, este é o ano da recomposição, da reconfiguração das nossas vidas: é um ano especial, é um ano à parte; é um ano para viver não simplesmente com a lógica habitual.” (homilia 01.01.2025, Capela do Rato). Peçamos a graça de que assim seja!



Um Carisma que une

Olá, chamo-me Pedro Cerdeira e faz quase três anos que vim morar para a Ilha de São Miguel, nos Açores. A Verbum Dei e o seu carisma de ir ao encontro do outro e fazer casa para todos, de encontrar Jesus, marcou-me, e marcou, também, a Leonor e o David, o Nuno e a Helena, o Eurico e a Tânia. Um dia, resolvemos juntar-nos na casa do Nuno e da Helena e partilhar uma refeição e a alegria de nos sentirmos comunidade. E resolvemos chamar-nos “Comunidade Verbum Dei de São Miguel”, convidámos a Núria para o nosso grupo WhatsApp, e programámos, uma vez por mês, fazer um tempo de oração e de convívio fraterno. Chegados ao final do ano pastoral, organizámos um retiro de silêncio para o qual enviámos convites para todas as ilhas, e vieram cá pregar a Núria e a Sofia. O retiro foi muito importante para todos, principalmente para os que se juntaram a nós e que tiveram, a partir daí, outro referencial. Nas nossas manhãs de oração mensais, passámos a ser mais, e quando, no final de outro ano, divulgámos mais um retiro, já éramos bem conhecidos e havia mais abertura nas paróquias para a divulgação. Tem sido um caminho bonito: resgatou e reforçou a nossa identidade

Verbum Dei, deu-nos âncora de oração e de partilha fraterna, fortaleceu a nossa amizade e possibilitou-nos, e a muitos outros, aprofundar o conhecimento de Deus e da Sua Palavra.



A Ecologia no Jubileu

Desde o início do seu Pontificado, começando pela escolha do seu nome – Francisco (o Santo de Assis e Padroeiro da Ecologia) –, o Papa Francisco, preocupado com a Criação, tem-nos motivado, sempre, a cuidar da Casa Comum, como casa de todos, todos, todos.

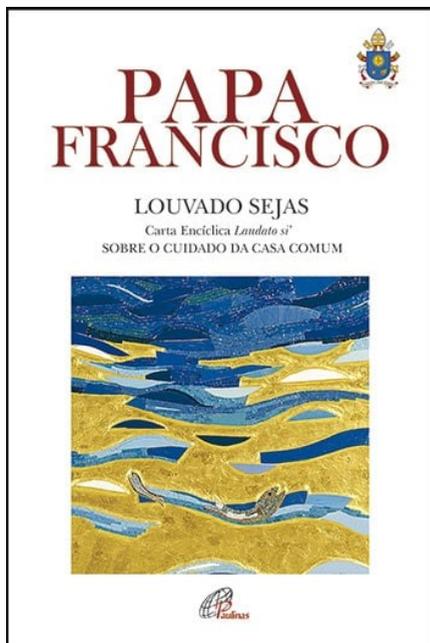
Sentimos a responsabilidade de acolher e dar resposta à chamada do Papa Francisco, que insiste, sempre, na necessidade de “cuidar” da Casa Comum, com o desejo de fazer surgir uma humanidade solidária, com um coração fraterno e uma criação cheia de possibilidades e beleza, que tanto nos ensina.

O Papa Francisco, fiel a estes compromissos, aborda o tema da Ecologia Integral em muitos dos seus discursos e mensagens.

O Ano Jubilar não escapa a esta sensibilidade do Papa. Tanto na carta enviada ao Arcebispo Rino Fisichella, Presidente do Pontifício Conselho para a Promoção da Nova Evangelização e responsável pela preparação do Jubileu de 2025, como na Bula de proclamação do Jubileu “A esperança não engana”, encontramos excertos nos quais este tema é abordado.

Diz o Papa na carta ao Arcebispo Fisichella: *“Por conseguinte, que a dimensão espiritual do Jubileu, que convida à conversão, se combine com estes aspetos fundamentais da vida social, de modo a constituir uma unidade coerente. Sentindo-nos todos peregrinos na terra onde o Senhor nos colocou para a cultivar e guardar (cf. Gn 2, 15), não deixemos, ao longo do caminho, de contemplar a beleza da criação e cuidar da nossa casa comum. Almejo que o próximo Ano Jubilar seja celebrado e vivido também com esta intenção. Com efeito, um número cada vez maior de pessoas, incluindo muitos jovens e adolescentes, reconhece que o cuidado da criação é expressão essencial da fé em Deus e da obediência à Sua vontade”*.

Na Bula “A esperança não engana”, o Papa Francisco também destaca a importância que tem, para a nossa vida, o olhar para a criação e para o quanto ela nos pode ajudar: *“São Paulo é muito realista. Sabe que a vida é feita de alegrias e sofrimentos, que o amor é posto à prova quando aumentam as dificuldades e que a esperança parece desmoronar-se diante do sofrimento. E, no entanto, escreve: «Gloriamo-nos também das tribulações, sabendo que a tribulação produz a paciência, a paciência a firmeza, e a firmeza a esperança» (Rm 5, 3-4). Para o Apóstolo, a tribulação e o sofrimento são as condições típicas de todos aqueles que anunciam o Evangelho em contextos de incompreensão e perseguição (cf. 2 Cor 6, 3-10). Mas, em tais situações, através da escuridão, vislumbra-se uma luz: descobre-se que a evangelização é sustentada pela força que brota da cruz e da ressurreição de Cristo. Isto faz crescer uma virtude, que é parente próxima da esperança: a paciência. Habitámo-nos a querer tudo e agora, num mundo onde a pressa se tornou uma constante. Já não há tempo para nos encontrarmos e, com frequência, as próprias famílias sentem dificuldade para se reunir e falar calmamente. A paciência foi posta em fuga pela pressa, causando grave dano às pessoas; com efeito, sobrevém a intolerância, o nervosismo e, por vezes, a violência gratuita, gerando insatisfação e isolamento. Além disso, na era da internet, onde o espaço e o tempo são suplantados pelo «aqui e agora», a paciência deixou de “ser de casa”. Se ainda fôssemos capazes de admirar a criação, poderíamos compreender como é decisiva a paciência. Esperar a alternância das estações com os seus frutos; observar a vida dos animais e os ciclos do respetivo desenvolvimento; ter os olhos simples de São Francisco, que, no seu Cântico das Criaturas, escrito precisamente há 800 anos, sentia a criação como uma grande família, chamando «irmão» ao sol e, à lua, «irmã»”. (“Spes non confundit” n. 4).*



Grupo reMaior

O grupo reMaior, grupo de ecologia integral da Família Missionária Verbum Dei de Lisboa (FaMVD), surgiu como resposta ao convite que o Papa Francisco fez, através da “Laudato Si” e da “Fratelli Tutti”, para acolhermos a chamada do nosso Pai, Deus e Criador, que deixou nas nossas mãos a construção de um mundo fraterno e o cuidado pela nossa casa comum.

O grupo reúne-se duas vezes por mês, às terças-feiras (primeira e terceira semana de cada mês), às 20:30, na Casa da Palavra.

As nossas reuniões podem ser:

- De oração com a Palavra de Deus e com as encíclicas ou mensagens do Papa Francisco;
- De formação (organizada pela FaMVD, na Casa da Palavra, ou através da participação em formações organizadas por outros movimentos da Rede Cuidar da Casa Comum, à qual pertencemos);
- De preparação de atividades (por exemplo, Vigília da Criação, Jornada Ecológica em Família, Eucaristia da Comunidade), em conjunto com outros grupos da FaMVD, e/ou com o Foco Ecológico do Campo Grande e o Agrupamento de Escuteiros do Colégio Pio XII, ou, ainda, com o grupo de catequese do Centro Pastoral Claret, na Aqualva-Cacém.

Neste ano jubilar, no qual também se celebram os 10 anos da Encíclica “Laudato Si” e os 800 anos do Cântico das Criaturas de S. Francisco de Assis, o Papa Francisco convida-nos a ser Peregrinos na Esperança, e apela, constantemente, à nossa Conversão Ecológica Integral. Deixamos a todos o mesmo apelo e convite: se sentes esta chamada e responsabilidade, o grupo reMaior é o teu lugar.

Ficamos à tua espera. Podes contactar-nos através do email remaior@lisboa.verbumdei.org.

Ana, André, Filipa, Gonçalo, Pilar, Raquel, Vanda



O Jubileu é também para nós

É com grande alegria que vos anunciamos que 37 jovens da nossa Paróquia do Campo Grande participarão no Jubileu dos Jovens em Roma, de 28 de julho a 3 de agosto. Serão acompanhados pelo Pe. Hugo Gonçalves e por três missionárias da Verbum Dei.

A nossa preparação já começou e está a ser uma oportunidade para acolher a esperança prometida pelo próprio Jesus. Este acontecimento é um presente para renovar a nossa fé através das diferentes atividades propostas pela nossa Igreja universal, bem como pela nossa paróquia e diocese.

Temos a certeza de que Jesus não desilude aqueles que deixam a sua zona de segurança para n'Ele encontrar possibilidades e esperança na própria vida e na vida dos outros.

Pedimos que rezem por nós.

(Gisela MVD)

Família Missionária Verbum Dei

Uma Família

A Família Missionária Verbum Dei (FaMVD), como o seu próprio nome indica, é primeiramente uma "Família" profundamente missionária e ao serviço da Palavra de Deus, formada por homens e mulheres de todas as culturas, línguas, nações e estados de vida. Os membros desta Família, movidos pela mesma missão e espiritualidade Verbum Dei, procuram seguir Cristo e transmitir a vida e o amor de Deus a todos os povos.

Três Ramos

No coração da Família Verbum Dei está a Fraternidade Missionária Verbum Dei (FMVD), uma Instituição de Vida Consagrada da Igreja Católica formada por pessoas que consagram a sua vida a Deus. Dela fazem parte:

_ Dois Ramos celibatários (que professam os votos de pobreza, castidade e obediência) - Missionárias e Missionários consagrados.

_ Casais Missionários - que se consagram a Deus através do sacramento do Matrimónio e de um compromisso solene que os vincula.

Fundada a 17 de Janeiro de 1963, em Maiorca (Espanha), pelo Rvdo. D. Jaime Bonet, a FMVD tem como Missão o anúncio da Palavra de Deus e a propagação do Seu Reino, através:

_ da oração;

_ do ministério da Palavra;

_ do testemunho de vida evangélica.

Consulte as atividades da Família Missionária Verbum Dei de Lisboa em lisboa.verbumdei.org/calendario

Centro de Evangelização Vale de Lobos

Rua Profª Rosa Génio Alves nº 7, 2715-395 Almargem do Bispo

GPS N 38º 49' 15''; W 9º 17' 25''

Tel. Vale de Lobos - 21 962 42 84

Casa da Palavra

Largo João Vaz nº 15, 1700-151 Lisboa

Tel. 218 450 08 1

Fraternidade Missionária Verbum Dei

lisboa.verbumdei.org | contacto@verbumdei.org | Tel. Lisboa -

21 795 09 57

cadernodeoracaovd@gmail.com

